



EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: UMA ANÁLISE DO POTENCIAL LITERÁRIO DO LIVRO “BECOS DA MEMÓRIA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Ana Beatriz Farias de Souza ¹

Ariane Lenk de Azevedo ²

Fernanda Soares Pessoa ³

Emanuele de Souza Pacheco ⁴

RESUMO

Este artigo tem como objetivo pensar a educação antirracista por meio da análise do livro “Becos da memória”, de Conceição Evaristo. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, partindo-se das discussões sobre branquitude feitas pelas autoras Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez e Neusa Santos Souza; dos estudos do espaço como constituinte de subjetividades, e da proposta de escrevivência de Conceição Evaristo. Essas discussões teóricas foram bastante relevantes para a posterior análise da obra “Becos da memória”, de forma que a favela foi estudada como território afetivo e as narrativas orais dos personagens foram abordadas como parte de uma memória afro-brasileira coletiva. Assim, foi desvelado o potencial do livro na construção de práticas pedagógicas e antirracistas. Como resultado, ficou evidente o papel da literatura como instrumento de denúncia e resistência ao ideal de branquitude. Além disso, evidenciou-se a importância da reflexão sobre linguagem literária para a formação e acolhimento dos discentes, os quais podem ecoar vozes dos seus ancestrais na construção de uma sociedade mais consciente quanto às relações de poder que a constituem.

Palavras-chave: educação antirracista; branquitude; espaço afetivo; escrevivência

INTRODUÇÃO

De acordo com Candau (2011), memória e identidade possuem um laço evidente, de forma que a memória fortalece a identidade, tanto individual como coletiva. A identidade, portanto, seria uma mistura de lembranças e esquecimentos. O autor ainda destaca: "não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade pelo menos individualmente" (CANDAU, 2011, p. 19).

No livro “Becos da memória”, Conceição Evaristo, conforme subentendido pelo próprio título, se propõe a contar a história de uma favela em processo de desfavelamento, reivindicando o registro oral e escrito da memória como forma de legitimar e valorizar a identidade negra e periférica. Trata-se de uma obra que aborda as relações socioeconômicas, raciais e afetivas que compõem a favela, partindo da perspectiva de sujeitos que experienciam esse espaço.

¹ Graduanda do Curso de Linguagens da Faculdade Sesi de Educação, anab27673@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Linguagens da Faculdade Sesi de Educação, ariane.lenk@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Linguagens da Faculdade Sesi de Educação, fernanda.s.pessoa@gmail.com;

⁴ Mestre em Educação e docente da Faculdade Sesi de Educação, pachecoemanuele@gmail.com;



Nesse sentido, a linguagem literária tem uma relação intrínseca com a experiência vivenciada, o que se relaciona de forma direta com o conceito de escrevivência, cunhado pela própria Conceição Evaristo. Ademais, no livro, as experiências dos personagens se articulam com o espaço da favela, que não só constitui a subjetividade de cada um, como permite a criação de um vínculo essencial à identidade coletiva. Identidade essa que, atrelada ao território, remete à ideia de geografia afetiva, termo utilizado pela autora para denominar os sentimentos que espaços físicos podem mobilizar a partir da história e experiência de cada pessoa.

Além disso, vale destacar que o livro evidencia que as identidades individuais e coletivas são atravessadas por relações raciais e de gênero. Nesse contexto, a branquitude impacta o cotidiano da favela em muitos aspectos: no trabalho, na família e na relação com o Estado, que negligencia o território periférico. Ainda, o ideal branco de existência perpassa a subjetividade dos indivíduos que compõem o espaço da favela, afetando a autoestima e como eles significam a própria vida.

A educação formal também é alvo da branquitude, o que é explicitado no livro por meio da vivência dos personagens Maria Nova, Beto e Negro Alírio. O currículo e o próprio modelo de escola são pensados e moldados para uma elite, havendo o que Carneiro (2005) denomina de epistemicídio, afinal os modos de saber, poder e ser das pessoas negras não são legitimados, e o conhecimento escolar se limita ao repertório e experiência branca. Tendo em vista essa realidade, é bastante relevante o comprometimento de professores com a construção de uma educação antirracista. Nesse sentido, o trabalho com o livro “Becos de memória” possibilita o desenvolvimento de um olhar crítico na escola, levando em consideração a experiência e os saberes afro-brasileiros.

Esse trabalho se propõe, portanto, a articular as ideias de escrevivência, geografia afetiva e branquitude a fim de analisar de maneira profunda e significativa a obra literária “Becos da Memória”, da escritora Conceição Evaristo. Assim, o objetivo é pensar a educação antirracista por meio da análise da obra, trazendo discussões acerca das relações raciais, territorialidade e afeto, bem como uma visão positiva do lugar periférico.

METODOLOGIA

Pesquisa bibliográfica e análise do livro “Becos da Memória”, de Conceição Evaristo, com base nos conceitos pesquisados.



REFERENCIAL TEÓRICO

1. Branquitude

Abordaremos o conceito de branquitude a partir das proposições de Neusa Souza, Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez para uma análise crítica das relações raciais referente à construção da identidade branca e como esta é privilegiada em sociedades racialmente hierarquizadas. A partir da psicanálise, Neusa Souza nos traz a proposta de Ideal de Ego Branco, que permite compreender como o branco é visto como um ideal a ser atingido que transcende o sujeito concreto, e o quanto isso impacta a subjetividade de pessoas negras, levadas a internalizar uma imagem branca como norma, que resulta em uma ferida narcísica profundamente deletéria para sua identidade. Souza aponta o “mito negro”, que perpetua estereótipos ligando o negro à irracionalidade, ao animal, ao feio, ao sujo, ao exótico e que impõem um lugar para a pessoa negra na sociedade.

Nesta mesma ideia, através do conceito de dispositivo de poder, Sueli Carneiro propõe como a construção e manutenção de papéis impostos por critério racial consolida o mecanismo de perpetuação do racismo, onde a branquitude é posta como a norma socialmente aceita, enquanto os atributos de pessoas negras são considerados desvios dessa norma. Pessoas negras são submetidas a uma visão estigmatizada de suas identidades a partir de uma ideia de inferioridade, enquanto brancos são incentivados a manter sua “superioridade”.

Neste contexto, é importante ressaltar a especificidade da opressão racial sobre a mulher negra anônima, que como Lélia Gonzalez aponta, sofre de maneira mais intensa os efeitos da opressão racial devido à intersecção do racismo e do sexismo. Gonzalez denuncia estereótipos a partir das imagens da "mulata/doméstica" e da "mãe preta", historicamente associadas à mulher negra, que marcam o papel que esta pode ocupar na sociedade brasileira (cozinheira, faxineira, servente), lhe sendo negado o direito de ser vista como um sujeito com sua própria identidade, histórias e experiências.

Com a ideia de epistemicídio, Sueli Carneiro destaca que a educação ainda é permeada por saberes e práticas que favorecem a perspectiva da branquitude, ao mesmo tempo, em que silenciam e marginalizam as experiências e conhecimentos de pessoas negras, uma vez que os currículos, métodos de ensino e o ambiente escolar carecem da inclusão e valorização da história, cultura e visões de mundo dessa população. A negação da riqueza e da pluralidade da contribuição negra para a sociedade resulta a inferiorização intelectual e a invisibilidade histórica dessa população, contribuindo para a perpetuação do racismo.



2. Espaço afetivo

A relação humana com os territórios têm uma profunda participação na formação de identidade e memórias afetivas construídas. Os signos, apego e sensação de pertencimento são fatores que compõem o que chamamos de lugar, onde ocorrem nossas experiências imediatas no mundo, tais experiências vividas são individuais e subjetivas, ainda que no coletivo (SILVA, 2022).

Nesse sentido, para João Mello (2012, p. 33): “Os espaços dos homens guardam mistérios, dores e desesperanças. Os lugares, o aconchego, o trabalho, as festas, os atritos e as recordações.” Os estudos da geografia humanista são voltados para os espaços e os lugares dos homens. Estudam: “os vínculos entre as pessoas e seus locais de trabalho, orações, lazer e entretenimentos (MELLO, 2012, p. 34).”

Ainda segundo Sartre (apud João Mello, 2012, p. 37): “Existir é ter um lugar”. As experiências diretas marcam os lugares”. O lugar é tido como concreto, enquanto o espaço é abstrato, pois com o primeiro as pessoas possuem maior proximidade, pelo valor que lhe atribuem. Também é onde são realizadas as necessidades biológicas de água, comida, procriação e descanso. Porém, conforme conhecemos um espaço e damos a ele certa familiaridade ele torna-se lugar (TUAN, 1983).

As pessoas carregam dentro de si os seus lugares. O lugar compõe a identidade dos sujeitos, a partir dessa ligação percebe-se também a relação tempo e lugar. Neste contexto, a ideia de memória torna-se primordial. Portanto: “Lugar e tempo se nos apresentam frequentemente intimamente ligados. Percebemos e sentimos a realidade temporal acoplada ao lugar, ao espacial” (OLIVEIRA, 2012, p. 04).

Os lugares podem ser transitório ou eterno, o que ressalta mais uma vez sua relação com o tempo. Quando uma favela ou um bairro periférico passa por um processo de gentrificação, e um território assume características urbanas, econômicas e culturais totalmente diferentes, não podem ser considerados meramente transitórios. Isso porque, durante um determinado tempo, esses locais deixam uma marca inevitável na memória dos indivíduos ou grupos sociais que ali viveram. Como João Mello (2012, p. 38) enfatiza: “O lugar integra o âmago dos nossos seres. Além dos seus limites, descortina-se um mundo livre, contudo caótico e temeroso”. Diante disso, é possível perceber a favela como esse espaço de afeto e permanência, mesmo defronte de um processo de desfavelamento.



3. Escrevivência

A expressão "escrevivência" foi empregada pela primeira vez em 1995 por sua pioneira, Conceição de Evaristo. Ela é uma linguista e escritora afro-brasileira, oriunda de uma família de mulheres de classe média baixa e afrodescendentes. Com o intuito de fazer ouvir sua voz e a de seus antepassados, Evaristo busca gerar fissuras na malha literária brasileira, um meio predominantemente controlado por homens brancos, em geral, integrantes da elite.

Nas palavras de Evaristo, a sua história, que não é individual, mas coletiva, ecoa muitas vozes, inclusive aquelas historicamente açoiadas. A partir disso, ela afirma que, “A nossa escrevivência não pode ser lida como história para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p.21).

Desse modo, escrever, está para além da escrita de si, pois carrega uma coletividade em sua composição. Outrossim, Evaristo, através de sua narrativa, objetiva reconstruir a identidade do povo preto, principalmente das mulheres pretas, a qual foi profundamente deturpada. Portanto, a história do povo preto, marcada por chicotes, explorações, estupros, e genocídios em massa, antes utilizada como acalento e entretenimento para os filhos da casa grande, hoje, representa um legado de força, resistência e empoderamento, dos inúmeros corpos que foram e ainda são assombrados com memórias traumáticas da escravidão.

Alicerçada nisso, Evaristo defende que, “estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas” (EVARISTO, 2016, p. 07). Portanto, a escrevivência, é esse espaço, difundido por ela, a fim de que as mulheres e homens pretos possam falar a partir de seus anseios e subjetividades, que antes eram domadas e cerceadas. Logo, Conceição em uma entrevista à UEMG, Unidade Davinópolis (2015), define escrevivência como essa “escrita marcada pela vivência, que é marcada pela sua experiência” (UEMG, UNIDADE DAVINÓPOLIS, 2015).

Desse modo, podemos concluir que, se trata de um conceito em que a linguagem-narrativa reforça a ideia da linguagem como constituinte do ser humano e fundante das relações sociais. Assim, observa-se a importância do nomear e enunciar para existir. Logo, escrever [escrevivência] não possui, um caráter autobiográfico, pois expande a premissa de escrever sobre si. Por conseguinte, ela não foca na memória individual, na ideia de escrita como dominação, mas sim, um entrelaçar de lembranças e vivências coletivas que perturba a regularidade da memória da população negra do Brasil. Em suma, efetua-se uma imbricação



entre linguagem e memória, isto é, uma linguagem elástica e viva que possibilita a construção da identidade preta, principalmente das mulheres.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Tessitura do território com afeto

A geografia da favela de Minas Gerais, em processo de desfavelamento, descrita no livro *Becos da Memória*, é envolvida por uma rede de afeto que se entrelaça às narrativas contadas na história. As vidas são urdidas ao território e o território é tramado pelas vivências. Na vida coletiva e pulsante da favela, os corpos se conectam no mesmo espaço e realidade.

A personagem principal do livro, Maria-Nova, nos apresenta os “Becos da memória” que compõem a favela. Um dos primeiros e preponderantes aspectos que permeiam a vida e os eventos apresentados no livro são as torneiras. Estas categorizam os sentimentos da menina e de cada espaço da favela, permeando tanto a vida quanto a morte do próprio território.

No início do livro, as torneiras estavam sempre rodeadas de acontecimentos afetivos, fossem eles rotineiros, como o trabalho das lavadeiras, ou daqueles que buscavam água para suas necessidades. No entanto, à medida que o livro avança, as torneiras são gradualmente removidas pela construtora responsável pelo processo de desfavelamento. Isso demonstra a escassez da vida na favela à medida que a água escasseia.

O reconhecimento das torneiras faz parte da construção afetiva do espaço, e traz nomes que se consolidam nas expressões populares, como descritas no livro:

[...] A “torneira de cima” pois no outro extremo da favela havia a “torneira de baixo”. tinha, ainda, o “torneirão” e outras torneiras em pontos diversos. A “torneira de cima”, em relação à “torneira de baixo”, era melhor. Fornecia mais água e podíamos buscar ou lavar roupa quase o dia todo. Era possível se fazer ali o serviço mais rápido. (EVARISTO. 2017. P. 16).

Através das torneiras, Maria-Nova constrói relações, captura momentos e histórias. Sua amizade com Beto, o filho mais velho de Ditinha, se intensifica nas idas em busca de água, especialmente no momento em que algumas torneiras já haviam sido retiradas da favela.

Para além da busca por recursos hídricos nas torneiras, as pessoas e o território estavam entrelaçados afetivamente com água de outras formas. Em dias de chuva, todas as casas tinham goteiras, todos se amontoavam nos cômodos pequenos, as paredes rachavam e, em muitos casos, caíam. Contudo, no processo de esfacelamento pelo qual o território



passava, o desespero diante da tempestade se transformava em pequenas esperanças e sentimentos de permanência, pois forçavam um recuo que retardavam as atividades de desocupação, como evidenciado no seguinte trecho: “[...] Naquele ano, porém queríamos a chuva e o mais possível, apesar dos barracões caídos, apesar da fome, do frio, do mofo que tudo mofava, as coisas e a gente (EVARISTO, Conceição. 2017. p. 16)”.

Embora as dificuldades fossem constantes, o território da favela testemunhava uma coletividade nascida das individualidades e experiências das pessoas que ali viviam. Nesse lugar, havia festa, amor, luta, trabalho e hábitos construídos ao longo do tempo. O espaço vivido estava repleto de lembranças alegres e tristes, que compunham a afetividade desse ambiente.

Para o personagem Bondade, o lugar “favela” possuía um significado ainda mais profundo, uma vez que ele não tinha um lar para chamar de seu, mas habitava o coração de todos. Quando ele retornava depois de algum tempo distante, trazia sempre narrativas para compartilhar e frequentemente alimentos para doar. Havia de qualquer maneira um barraco pronto para acolhê-lo, tinha residência na casa de todos. Maria-Nova aguardava ansiosa e atenta por seus relatos.

Negro-Alírio também levava consigo histórias para contar, carregava em si os lugares de onde viera, como parte de sua identidade. Reconhecia o valor do local para as pessoas que nele viviam, buscava por direitos de permanência e existência de seu povo. Além disso, assim como Maria-Nova, preocupava-se com o destino das pessoas, tanto no que diz respeito à moradia quanto à educação das crianças.

O território da favela descrito no livro carrega densas camadas de sentimentos, como enfatiza João Mello (2012), o lugar habitado atravessa o âmago dos sujeitos. Isso pode ser observado em todas as passagens do livro, à medida que a escrita nos conta e constrói imagens desse afeto e pulsante vitalidade desse território, revelando-se nas sutilezas e esfacelamentos que vão se tramando durante todo o processo de metamorfose desse espaço em desfavelamento.

É notório também que os personagens que não nasceram nesse espaço vivido que é narrado, trazem consigo fragmentos memoráveis de onde vieram, como no caso de tio Totó e Negro-Alírio. Nossa identidade como indivíduos é intrinsecamente ligada ao lugar que chamamos de lar. Como expresso por Nogueira (citado por Souza, 2012), "As pessoas carregam os lugares consigo" (p. 55). Isso significa que, onde quer que estejamos, de alguma forma, manifestamos características do local onde residimos. Em consequência desse vínculo, podemos entender que cada pessoa é cercada e influenciada por "camadas" concêntricas do



espaço em que vivem ou viveram um dia. Ainda que a favela passasse por um processo de assassinato e morte, ela permaneceria viva na memória de um coletivo de pessoas, o próprio livro é uma declaração de como esse território vive no coração de quem ali viveu.

2. Disputa: Da Narrativa ao Território

A partir das aulas da escola sobre a escravização, Maria-Nova concebe a ideia de senzala-favela, associando o bairro nobre vizinho à casa grande, e desconfiando da narrativa dos livros escolares. Seu olhar é hábil na percepção da disputa desde as narrativas até a separação territorial entre a favela e o bairro vizinho. É flagrante como o negro é visto negativamente em comparação com o branco no caso dos “meninos da Ana do Jacinto”, que se envolvem com jovens do outro território no consumo de substâncias, e são tidos como vagabundos, enquanto, com o mesmo comportamento, os de fora da favela eram vistos como jovens intelectuais, contestadores. Apenas os jovens da favela são levados pela polícia.

A personagem Ditinha aparece na história pela primeira vez fora da favela, trabalhando na casa da patroa numa área nobre ao lado da favela, e seu arco destaca na história a situação particular da mulher negra na sociedade, submetida a uma opressão mais intensa pela intersecção entre o sexismo e o racismo (GONZALEZ, 1984). Empregada doméstica, papel historicamente relegado à mulher negra no Brasil, Ditinha trabalha na casa de uma mulher branca sendo a única responsável por manter a família com o pai com deficiência e três filhos no barraco apertado. Para além da situação de extrema carência que lhe é imposta, Ditinha incorpora em si a ideia de que é feia e que seu valor como ser humano é inferior ao de uma mulher como Dona Laura, bonita, posto que branca e rica. Ditinha se envergonha de si em seu íntimo, revelando o efeito profundamente deletério da ferida narcísica (SOUZA, 1983) causada por um ideal impossível de alcançar, o ser branco. A identidade negra marcada por estereótipos entendidos como o desvio da norma, (CARNEIRO, 2005), é evidente na maneira como Ditinha entende a imagem e a vida da patroa branca como ideal desejável, enquanto absorve em si o mito negro (SOUZA, 1983) onde sua situação de miséria é naturalizada como parte do ser. A patroa posta como bonita e limpa, resulta necessariamente na empregada feia e suja. Na trama, o conflito da personagem converge para o desejo por uma jóia que a patroa tem em casa, e que num lapso, Ditinha carrega consigo, como se o que lhe faltasse fosse uma parte daquela mulher e daquele outro mundo. A partir da ideia de que o lugar é constitutivo do afeto integrando a identidade das pessoas que o habitam (MELLO, 2012) numa relação do espaço como extensão do ser, podemos perceber o conflito



da personagem que se elabora a partir de um espaço atravessado de privações e vulnerabilidade, o que não significa dizer que não existe familiaridade e significação positiva, mas nota-se que a comparação do outro território como ideal nega mesmo o pouco de uma identidade positiva que a personagem tinha na favela. Num momento era uma mulher trabalhadora, no outro se defendia da imputação de ladra, que antes de ser verbalizada em acusações da polícia e da ex-patroa, se elaborou em si pela absorção dos estereótipos negativos ligados a pessoas negras. “Julgava a patroa tão limpa, ela tão suja. E agora, ainda por cima, ladra.” Essa desorientação é ilustrada num momento em que Ditinha se perde no território físico, que ela conhecia, becos pelos quais vaga desorientada se sentindo perseguida, percebendo o lixo e se confundindo com este, “Olhou o lixo, sentiu nojo de si própria e começou a chorar.” Nota-se continuidade entre a crise de identidade e a desorientação do território físico, e, ao se ver reduzida ao mito negro (SOUZA, 1983), pela relação entre o próprio corpo e a sujeira no espaço. A ideia da sujeira permeia a narrativa sobre Ditinha, trabalhando duro para manter a casa da patroa limpa enquanto a dela própria estava sempre uma bagunça e invadida pelo cheiro da fossa. Ainda após levar a jóia, Ditinha não volta mais a trabalhar na casa da patroa, entrando numa crise onde não se vê pertencente a lugar nenhum. Não pertence ao universo de Dona Laura, nem se reconhece mais no seu próprio.

É de se notar que não há qualquer intenção da personagem em vender a pedra ou obter alguma vantagem concreta de seu valor. Toda a articulação em torno da jóia se dá no plano do subjetivo, motivo pelo qual figura emblemático que ela tenha guardado a pedra junto ao peito. Aquele “pedaço da branquitude” toma contato com seu corpo causando uma ferida no seio, na carne, numa metáfora hábil do efeito devastador do Ideal de Ego Branco (SOUZA, 1983) na subjetividade da personagem. E é também simbólico que a moça descarte a jóia na fossa, na merda. Num desfecho trágico a polícia adentra a favela violentamente em busca daquele “pedaço do outro território”, colocando a fossa toda para fora, e leva a moça presa. Beto, filho mais velho de Ditinha, aos treze anos se vê obrigado a assumir o fardo da mãe num amadurecimento forçado. Resta ao menino limpar a sujeira da fossa, mas a disputa não termina aí. Beto ainda tem que lidar com a vigilância e intimidação dos policiais ao longo dos dias, que circulam no território à procura de um pretexto para levá-lo. Nota-se como a atribuição de papéis sociais através do dispositivo de poder (CARNEIRO, 2005) pode ser determinante da vida de pessoas negras, como na naturalização da ideia do encarceramento de um menino. Num cenário de resistência, a criança é guardada pelos moradores da favela que passam a se aproximar e ajudar a família, vigilantes contra as intenções dos policiais. Reconhecido e pertencente ao território, Beto permanece e mantém o que a mãe construiu.



3. Memória e permanência: narrativas que ficam com a palavra

A obra "Becos da Memória" pode ser descrita como um romance memorialístico ficcionalizado. Em outros termos, a autora do texto utiliza suas próprias vivências e lembranças como ponto de partida, misturando-as com elementos de ficção para criar uma história que mescla a realidade com a imaginação. De acordo com Conceição Evaristo, escrever essa narrativa foi

[...] como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de Becos está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever Becos foi perseguir uma escrevivência. [...]. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha. (Evaristo, 20022, p. 11).

Alicerçada nesse cenário, Evaristo constrói sua narrativa memorialística retratando a realidade complexa das pessoas pretas na sociedade brasileira, bem como a dinâmica das favelas e de seus habitantes, que são, sobretudo, excluídos sociais, dentre eles prostitutas, favelados, crianças de rua, mendigos, desempregados, alcoólatras, entre outros. Outrossim, o texto em prosa é narrado a partir da visão da protagonista, Maria-Nova. É a partir da sua perspectiva subjetiva que exploramos esse território e seus becos, observando de perto a dinâmica e os acontecimentos à sua volta. Maria-Nova navega por esse território, atribuindo significados com base nas histórias e vivências das pessoas que compõem aquele local.

Nas palavras de Maria-Nova, seu eu, é formado por “Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela” (Evaristo, 2022, p.17). Nesse contexto, a narrativa da memória constitui-se como um ato de resistência e preservação das subjetividades negras, manifestada através da "escrevivência". É um entrelaçamento de memórias, tanto pessoais quanto coletivas, que permite aos indivíduos subalternizados reafirmarem suas identidades e vivências, passadas e atuais, as quais são cruciais na luta diária da população preta na sociedade brasileira.

Em outro trecho, Maria-Nova, explicita sua inquietação quanto as narrativas brancas acerca da escravidão e a seu falso termino. O desconforto supracitado pela menina se dá no espaço escolar, na aula de história, o contexto era a leitura de um texto acerca da “Libertação dos escravos”, pois de maneira oposta aos estereótipos e falácias construídos pela palavra e ótica da branquitude, ou seja, sua narrativa como corpo preto, símbolo de resistência, era completamente diferente. Vejamos o excerto abaixo,



Havia muito que Bondade não contava história nenhuma para Maria-Nova. Tio Totó contava sempre alguma, Maria -Velha também. A tia contava as dela e as da irmã Joana; contudo, à medida que Maria-Nova crescia, ela ia intuindo, ia lendo as histórias nos olhos, na expressão linda e triste da mãe. A menina andava ansiosa para que Bondade lhe contasse alguma. Fatos estavam acontecendo, muitas coisas ela percebia, mas só conseguia um melhor entendimento, por meio das narrações que ouvia. Ela precisava ouvir o outro para entender. (EVARISTO, 2022, p. 53).

Sobre este trecho, somos levados a compreender a experiência e a memória como um recurso tanto estético quanto existencial, promovendo o reconhecimento identitário e a existência desses sujeitos. Assim, à medida que Maria-Nova escutava as histórias, se reconhecia nelas, embora não fosse de fato suas, afinal é nesse corporificar da palavra que a memória se constitui e permanece. Portanto, trata-se do letramento e do conhecimento como fatores de autorreflexão a respeito do seu lugar social - sendo estes fatores fundamentais para existir a possibilidade de pensar as mazelas sociais de modo mais atento, humanizado e não estereotipado.

Sim, ela iria adiante. Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu Povo. (EVARISTO, 2022, p.177)

Em resumo, este trecho nos apresenta o viés libertador oferecido pelo conhecimento, que é apresentado por Maria-Nova através da escrita, para ela o conhecimento liberta, além de servir como ferramenta de emancipação. A palavra que lhe era negada e por vezes ainda é, agora expressa através da palavra que faz permanecer. Contudo, a sua escrita não seria como a da Casa Grande, mas sim a escrita de seu povo, aquela que fala por um coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão gostaríamos de retomar e frisar a importância desta obra literária como instrumento de denúncia e resistência ao ideal de branquitude, que determina o que é legítimo ou ilegítimo. Diante disso, a obra “Becos da Memória” nos possibilita enxergar as potências do território periférico e das pessoas que nele habitam.



Outrossim, o estudo do livro nos viabiliza romper com o ideal de literatura imposto no espaço escolar, contribuindo para uma educação antirracista, através da positivação da experiência dos alunos pela ancestralidade e uma linguagem literária que resgata a oralidade.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2023.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 3º ed. 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, p. 223-244, 1984.

MELLO, João Baptista Ferreira de. **O triunfo do lugar sobre o espaço**. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (orgs.). Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectivas, 2012, p. 33-68.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Mapa Mental: recurso didático para o estudo do lugar. In: PONTUSCHKA, Nidia Nacib e OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Orgs.). Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2009. 384p.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. **Reflexões sobre a geografia do afeto: a excepcionalidade identitária em meio às distorções do espaço-tempo**: Revista do Departamento de Geografia, USP, n. 42, p. 1-15, 17 de out. de 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/190818/188433>>. Acesso em 31 de março de 2023.

OLIVEIRA, Livia. **O sentido de lugar**. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; MELLO, João Baptista Ferreira de. Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectivas, 2012, p. 3-6

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: 1983.

OLIVEIRA, M. de J.; CAMARGO SAMPAIO, J. C.; SILVA, O. A. **Entre e para além da literatura**: um estudo da noção ‘escrivência’, de Conceição Evaristo. Nau Literária, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 166–194, 2021. DOI: 10.22456/1981-4526.110421. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/110421>. Acesso em: 23 out. 2023.

TUAN, Yu-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. DIFEL, 1983.